

# RACISMO COTIDIANO E ESTRATÉGIAS DE CUIDADO E AUTOCUIDADO NA EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES INDÍGENAS DA UNICAMP

Palavras-Chave: Racismo; Indígenas; Universidade.

Autores:

RAMOEL MASSI MARIANO, IA-Unicamp

Prof. Dr. RAFAEL AFONSO DA SILVA (orientador), FCM-Unicamp

## INTRODUÇÃO:

O trabalho aqui apresentado faz parte de um projeto maior intitulado “**Saberes e práticas que vem das margens: encontros e desencontros com a atenção e a formação em saúde**” (Margens& Veredas), que busca analisar os saberes e práticas de cuidado produzidos por populações indígenas, LGBTQIAPN+ e em situação de rua e produzir conhecimentos transversais que contribuam para a valorização dos seus modos de vida e conhecimentos e para a qualificação de políticas públicas orientadas para a melhoria da qualidade de vida dessa populações.

Em consonância com esse objetivo inicial e engajado especificamente na frente com população indígena, este trabalho busca **captar e analisar os impactos sofridos por estudantes indígenas diante do racismo cotidiano vivido no contexto universitário e suas estratégias para manutenção da saúde, em sentido amplo, e a permanência na universidade.**

Entendemos que a academia é um espaço majoritariamente branco, pautado no

modo eurocêntrico de produzir e legitimar conhecimentos e em formas de socialidade que reiteram o pacto da branquitude. Nesse cenário, a diáspora universitária e o racismo cotidiano afetam a vida da/o estudante indígena, influenciando os modos como ela/ele é vista/o e como ela/ele se vê, as formas de relacionar-se consigo, com os outros e com o ambiente à sua volta, bem como seus esforços de construir um lar e localizar-se no novo território. Assim, o desafio da vida acadêmica vai além de apenas concluir a graduação, mas envolve também a necessidade de construir o ser e se reconhecer, sustentando seus saberes e formas de vida.

Tendo isto em vista, este trabalho pretende analisar episódios de racismo cotidiano na universidade e as elaborações da resistência e do viver na academia colonizada e branca.

## METODOLOGIA:



Figura 1: Emily, indígena tupinikim entrevistada - fonte: Autores

De modo geral, o Margens & Veredas opera com a metodologia da busca trabalhar com a **cartografia**, um método que não possui etapas fixas, mas que se transforma durante as subjetividades produzidas na discussão. Este método insere sujeitos pesquisadores como copartícipes do contexto pesquisado, permitindo maior liberdade para a criatividade e a improvisação.

Dentro da frente indígena do Margens & Veredas em Campinas, foi articulada uma **subfrente** autodenominada de “**artística**”. Esta é composta por pesquisadoras/es indígenas de artes cênicas e pedagogia e outras/outros pesquisadoras/es. O objetivo inicial do trabalho nessa subfrente consistiu na realização de entrevistas com estudantes indígenas de diversas universidades, incluindo as/os próprias/os pesquisadoras/es, com a finalidade de produzir um documentário e desencadear discussões, em rodas de conversa, sobre o tema do racismo cotidiano e do cuidado.

Foram realizadas entrevistas com estudantes indígenas de três universidades: UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), UFPB (Universidade Federal da Paraíba) e UNICAMP (Universidade Estadual de

Campinas). As perguntas tinham como foco cuidado, autocuidado, permanência e racismo cotidiano sofridos pelas/os entrevistadas/os.

Em um segundo momento, foi realizada a transcrição e análise das entrevistas para a produção de um documentário que registrasse episódios de racismo cotidiano sofridos e relatados nas entrevistas. Durante esse processo, ao longo de diversos encontros, o objetivo do trabalho sofreu alterações: optou-se por produzir uma peça que retratasse o conteúdo das entrevistas e mesclasse teatro e audiovisual em uma produção cênica multimeios.

Esse trabalho resultou na **peça “Entre Pedras, Pedestais e Caminhos”**, cuja primeira exibição ocorreu na FCM, Faculdade de Ciências Médicas, seguida de uma roda de conversa com o público presente. Surgiu assim uma peça que retratava um grupo de alunos indígenas em busca de um local ideal para a gravação de um documentário, sendo confrontados, ao longo de sua busca, por situações produzidas pelo racismo cotidiano na universidade. A peça segue nessa linha e mostra as consequências causadas na saúde mental e física dos estudantes indígenas e seu impacto para a permanência na universidade e, para além disso, as elaborações coletivas do viver que possibilitam responder a esses desafios.

A peça foi construída em conjunto, avaliando os episódios de racismo cotidiano relatados durante as entrevistas e as reverberações desses episódios entre as/os pesquisadoras/es, desencadeando (re)conhecimentos e afetos. Foram selecionados os episódios mais representativos do ponto de vista

das manifestações do racismo cotidiano e de maior potencial cênico.



**Figura 2:** Cena da peça” Entre pedras, pedestais e caminhos” - fonte: Autores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A produção da peça foi um processo de conhecimento e autoconhecimento, bem como de intervenção no contexto acadêmico. Sendo atravessada de temas pungentes, como a exotificação racial dos corpos indígenas, a desqualificação dos sujeitos racializados, a desvalorização de seus saberes, as expressões do pacto da branquitude na socialidade e na própria espacialidade do mundo acadêmico, as repercussões do racismo na saúde mental, o alcoolismo, dentre outros, a peça alcançou e sensibilizou o público indígena da universidade, que, na roda de conversa realizada após a peça, explicitou a identificação com as situações encenadas e expôs outros episódios de racismo.

A saúde mental teve um destaque como motivador da criação das estratégias e causa do baixo rendimento e até da evasão dos alunos, conforme relatado nas entrevistas e na roda de conversa. A ausência, a precariedade ou a falta de qualificação da atenção à saúde mental aos estudantes indígenas - cujos modos de vida e

valores exigem uma forma diferenciada de abordagem e acompanhamento psicológico — foram apontadas nos dois contextos.

A peça buscou abordar também práticas de cuidado e de resistência e, sobretudo, as elaborações coletivas do viver. O senso de coletividade ou de pertencimento comunitário e as capacidades coletivamente compostas de resposta ao racismo cotidiano e/ou a seus efeitos foram retratados em cena não somente de maneira mais direta, mas também de maneira corpo-metaforizada, em uma performance. Esses temas também atravessaram a conversa que se seguiu à exibição da peça.

A forma como o processo de pesquisa foi conduzido na criação de uma peça também pode ser considerada como uma forma de autocuidado emergente, ressaltando como a prática da coletividade é um ponto importante e uma estratégia para que os estudantes permanecessem na universidade.

As discussões após a apresentação da peça e outras feitas entre os pesquisadores também ressaltaram a baixa participação da universidade no processo de discussão desses

problemas. Notou-se presença majoritária de estudantes indígenas em encontros de discussão das pautas indígenas e antirracistas, ainda que, segundo a experiência compartilhada por esses estudantes, quem precisaria mais estar presente seriam docentes e discentes não indígenas. A discussão que surgiu relacionada a esse ponto foi conduzida para a pergunta: Como fazer a academia tomar conhecimento e participar do processo?

Neste momento, o roteiro produzido e os contextos relacionados com as entrevistas passaram a ser considerados em um novo movimento de estudo para a produção de um artigo na linha da análise episódica, método proposto no livro *Memórias da plantação*, da escritora negra diaspórica Grada Kilomba, que utiliza depoimentos de mulheres negras na Alemanha para analisar os impactos do racismo cotidiano em suas vidas.

Como (não) conclusão a relatar, houve também um dilema enfrentado durante a pesquisa, o de como registrar e validar os sofrimentos dos estudantes indígenas sem precisar se apoiar em autores que estivessem tão distantes da realidade vivida, enquanto os sujeitos entrevistados estavam ativamente presentes e contando suas histórias.

O modo de produção de saberes de pesquisadores indígenas, a oralidade, difere e entra em conflito com a academia, quando precisamos buscar registros de importantes pesquisadores para que assim tenhamos nossa voz validade. Consideramos que a assunção da experiência vivida como forma de conhecimento e do diálogo e dos processos de elaboração coletiva como dispositivos de validação das reivindicações de conhecimento participam da

resposta que precisa ainda ser produzida para que as vozes indígenas e de outros sujeitos racializados não sejam mais uma vez apagadas pelo modo eurocêntrico de produção de conhecimento na universidade. Enquanto isso, não vamos nos silenciar ou ficar esperando Godot: vamos começar aqui e agora a falar e produzir conhecimento ao nosso modo, assim como, no final da peça, as personagens decidem começar a fazer o documentário ali mesmo, demarcando seu lugar na universidade colonizada e branca.



**Figura 3:** Público presente após a exibição da peça - fonte: Autores.

## BIBLIOGRAFIA

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.